

O DESPERTAR DA “FORTUNA” COLECIONISTA NAS MEMÓRIAS DE COLECIONADORES MINEIROSⁱ

Gabriel Farias Alves Correia¹

Alexandre de Pádua Carrieri²

João Henrique Machado Delgado³

Gustavo dos Santos Miranda de Avelar⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como os colecionadores de diversos objetos iniciaram suas atividades colecionistas em Minas Gerais. Partimos de um referencial teórico que trata de histórias e memórias e sobre o colecionismo de objetos. Nesta pesquisa, que é qualitativa, analisamos as narrativas de 29 colecionadores, utilizando a Análise de Narrativas e triangulamos os dados com anotações de caderno de campo e da observação não-participante. Os resultados revelam múltiplos começos para o colecionismo, envoltos pela socialização na infância, da figura paterna, eventos da vida adulta, grupos de referência e lugares nas cidades. O estudo contribui para os Estudos Organizacionais ao destacar práticas que valorizam o tempo da experiência e do sentimento, em contraste com a produtividade capitalista, propondo uma valorização do fazer, ser e viver no cotidiano organizacional.

Palavras-Chave: Histórias; Memórias; Colecionismo; Práticas cotidianas.

EL DESPERTAR DEL COLECCIONISTA “FORTUNA” EN LAS MEMORIAS DE COLECCIONISTAS MINEIROS

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar cómo los coleccionistas de diversos objetos iniciaron sus actividades en Minas Gerais. Partimos de un marco teórico que aborda historias, memorias y el coleccionismo de objetos. En esta investigación cualitativa, analizamos las narrativas de 29 coleccionistas, utilizando el Análisis de Narrativas y triangulamos los datos con anotaciones de cuaderno de campo y observación no participante. Los resultados revelan múltiples inicios para el coleccionismo, influenciados por la socialización en la infancia, la figura paterna, eventos de la vida adulta, grupos de referencia y lugares en las ciudades. El estudio contribuye a los Estudios Organizacionales al destacar prácticas que valoran el tiempo de la experiencia y el sentimiento, en contraste con la productividad capitalista, proponiendo una valoración del hacer, ser y vivir en el cotidiano organizacional.

Palabras clave: Historias; Memorias; Colecionismo; Prácticas cotidianas

1Doutor em Administração (CEPEAD/UFMG). Pesquisador do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade.

2Doutor em Administração (CEPEAD/UFMG). Subcoordenador do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade.

3Doutorando e mestre em Administração (CEPEAD/UFMG). Pesquisador do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade.

4Mestrando e bacharel em Administração (CEPEAD/UFMG). Pesquisador do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade.

THE AWAKENING OF THE "FORTUNE" COLLECTOR IN THE MEMORIES OF MINAS GERAIS COLLECTORS

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze how collectors of various objects began their activities in Minas Gerais. We start from a theoretical framework that deals with histories, memories, and object collecting. In this qualitative research, we analyzed the narratives of 29 collectors, using Narrative Analysis and triangulated the data with field notes and non-participant observation. The results reveal multiple beginnings for collecting, influenced by childhood socialization, the paternal figure, events in adult life, reference groups, and places in cities. The study contributes to Organizational Studies by highlighting practices that value the time of experience and feeling, in contrast to capitalist productivity, proposing a valuation of doing, being, and living in everyday organizational life.

Keywords: Histories; Memories; Collecting; Everyday practices.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar como os colecionadores de diversos objetos iniciaram suas atividades colecionistas em Minas Gerais. O trabalho é derivado de um projeto de pesquisa maior que buscou compreender as histórias e memórias da gestão de colecionadores mineiros e parte do pressuposto que o ato de colecionar objetos gera problemas de gestão no tempo e no espaço.

Quando nos atemos aos problemas de gestão, nos deparamos com cruzamentos e encruzilhadas (RUFINO, 2019) que nos auxiliam na visualização de um processo histórico localizado no sul global e que não se adequa a quaisquer tentativas de linearidade. Nesse sentido, há uma resistência frente às dominações por meio de processos criativos e inventivos que reivindicam outros modos de funcionamento das hierarquias de poder e de saber (DE CERTEAU, 2012; MARTINS; CORREIA, 2023; MARTINS et al. 2023).

A inventividade inerente às formas de saber é considerada com base em Benjamin (1987a, 1987b). Encontramos no pensamento por constelações do autor a ideia de um passado que é produzido e reproduzido no tempo presente, com vistas a um futuro. Este processo é considerado por nós como parte de uma tríade dialética histórica que trata destes três tempos como elementos de um *continuum*. Com destaque para as experiências das continuidades e interrupções do fluxo do tempo (VELLOSO, 2022), a temporalidade adquire um protagonismo que age em favor da diversidade de formas de ser e estar no mundo. A tríade histórica que adotamos neste artigo, portanto, destaca que os fenômenos históricos não devem ser refletidos

ou no passado, ou no presente, ou no futuro, mas em todos os três tempos simultaneamente, ou seja, tanto no passado, quanto no presente, quanto no futuro.

Este artigo se justifica ao ampliarmos as contribuições para o campo da história e da memória nos Estudos Organizacionais (EOR), destacando práticas, saberes, modos de fazer e estar no mundo que abrangem a diversidade do que se entende como gestão (BARROS; CARRIERI, 2015; CARRIERI; CORREIA, 2020; CARRIERI, 2023; MARTINS et al. 2023). Além disso, contribuimos para ampliar a visão que trata das organizações para além das empresariais, ressaltando estratégias organizativas, cotidianas e memorialísticas (de recordar, relembrar, rememorar) a partir dos grupos colecionistas de Minas Gerais.

Ademais, as contribuições de pesquisas que trabalham com as histórias e as memórias na gestão não são recentes, mas, ainda assim, o campo possui grande potencialidade para sua expansão (REINECKE et al. 2020; MACLEAN et al., 2020; TENNENT et al., 2020; HODGE; COSTA, 2021; MACLEAN et al., 2022; ÜSDIKEN; KIPPING, 2022), sobretudo nos EOR brasileiros (WANDERLEY; BARROS, 2018; CARRIERI; CORREIA, 2020; COSTA; WANDERLEY, 2021; WANDERLEY et al., 2021; CORREIA; PALHARES; ROSA, 2023). Os estudos que reúnem as contribuições dos EOR com as da História trabalham para o desenvolvimento e estabelecimento de um campo de pesquisa coerente (CLEGG et al., 2020; COSTA; WANDERLEY, 2021) ao qual contribuimos com este trabalho.

Para Martins et al. (2023), o conhecimento é construído nos modos práticos da vida cotidiana. Isso permite que pessoas, como as que participaram deste estudo e possuem a intenção de colecionar mais de um objeto, sejam colecionadoras. O ato de guardar objetos a partir de uma narrativa que os mobiliza se caracteriza como colecionismo. Nesse sentido, colecionar é um fenômeno social aberto, em constante movimento. Por isso, não consideramos as tentativas de minimizá-lo, considerando-o como uma espécie de trabalho inacabado, ou um infindo *work in process* (CORDOVA, 2017).

Este artigo se divide em cinco partes, incluindo esta introdução. Na segunda, desenvolvemos a História e memória em suas relações com os estudos organizacionais, assim como a conceituação do colecionismo. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico. A quarta parte explora os vários começos do ser colecionador a partir da memória dos participantes da pesquisa. Por fim, versamos sobre as considerações finais.

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Segundo Guarinello (2004), por mais que algumas interpretações da História, ao se estabelecerem como científicas, busquem legitimidade, elas produzem lembranças, memórias e esquecimentos e, conseqüentemente, repercutem em uma identidade específica e uma busca pelo poder. Nesse sentido, destacamos que as histórias e memórias não se referem à mesma coisa e, portanto, não podem ser tratadas como sinônimos. Neves (2010, p. 45) diz que elas “têm substâncias em comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade” e, assim, são fontes de poder. Portanto, para refletirmos sobre como são apropriadas e o que representam, é necessário compreender, *a priori*, que ambas exercem influências sobre o meio social.

Para Meneses (1992), a História, por meio de operações cognitivas, busca ser uma forma intelectual de conhecimento, enquanto a memória, tomada como uma construção social, é capaz de gerar imagens essenciais à constituição e ao reforço das identidades individual, coletiva e nacional. Embora Meneses (1992) afirme a construção social como particularidade da memória, Neves (2010) complementa que a construção social compõe tanto a História quanto a memória, pois ambas são processos sociais que se referenciam às experiências individuais e coletivas que ocorrem na vida em sociedade.

A aproximação entre histórias e memórias está na capacidade de construções de identidades e no registro de alteridades, com base no passado e objetivando potencialidades do futuro e do poder. Contudo, elas se distinguem em natureza e estratégia (NEVES, 2010). Em outras palavras, as memórias estariam mais próximas da imaginação do que a História, considerando relevante a evocação e reatualização do que se passou e até mesmo a resignificação do presente. Assim, a memória “atualiza o tempo passado, tornando o tempo vivo e pleno de significados no presente” (NEVES, 2010, p.38). Ademais, endossamos autores como Neves (2010), Bosi (2015) e Bom Meihy e Seawright (2020) e não opomos a História e a memória, reconhecendo que existem diferenças que podem atuar de forma complementar para uma delas.

Como ressaltam Andrade e Almeida (2018), as histórias e as memórias têm uma relação particular com o tempo, ou seja, há uma construção de tempo das histórias e uma construção de tempo das memórias, ambas remetendo ao passado, mas com registros diferentes. Segundo os autores, o trabalho das memórias parte também do acaso e se prolonga no esforço de juntar as lembranças e dispor as narrativas que serão iniciadas no ato de

recordar, capazes de trazer, pela via da rememoração um objeto, um som, um aroma, um sabor, um lugar etc.

Seguindo as contribuições de Barros e Carrieri (2015), Santos e Ichikawa (2018), Gouvêa et al. (2018), Carrieri e Correia (2020), Carrieri (2023), Martins e Correia (2023) e Martins et al. (2023), trazemos as contribuições da História para a Administração, gerando novos olhares sobre as práticas, por vezes, marginalizadas que emergem e tornam possível o reconhecimento de diversos mundos. Ao evidenciarmos que os fazeres sociais se diferem de moldes hegemônicos e generalizáveis, enaltecemos os sujeitos comuns e seus saberes para explorarmos visões plurais de mundo, de modo que seja possível expandir o conhecimento histórico pelo viés organizacional.

A partir das memórias, além de protagonizarmos os sujeitos marginalizados do ponto de vista histórico (DE CERTEAU, 2012; CABANA; ICHIKAWA, 2022), acessamos suas experiências, percepções e sentimentos individuais sobre os acontecimentos ou determinados períodos históricos (BOSI, 2015; DE CERTEAU, 2013; BOM MEIHY; SEAWRIGHT, 2020). Este movimento torna possível recolher ao segundo plano as histórias ordenadas, baseadas em fontes mais “confiáveis”, como documentos oficiais e grandes narrativas, para realizarmos um trabalho descomprometido com a cronologia e com o ordenamento, distante do utilitarismo e do produtivismo perpetuados na Administração. Esse movimento compreende a ação de lembrar em uma outra instância, valorizando as possibilidades de reviver e ressignificar dos sujeitos que sejam descomprometidas com a busca de uma verdade absoluta. Acessar a diversidade e a riqueza do mundo social pela memória nos possibilita a compreensão desse mundo perdido “por quem não o viveu e até humanizar o presente” (BOSI, 2015, p.82).

Hodge e Costa (2021), ao discorrerem sobre as memórias nos EOR, evidenciam seu caráter modificador quando compreendem que os acontecimentos passados estão vinculados às perspectivas presentes. Além disso, consideramos as memórias diversas e plurais, tornando os processos de lembrança e esquecimento práticas de gestão, em outras palavras, atividades que são geridas intencional e politicamente (WANDERLEY; BARROS, 2018; JOAQUIM; CARRIERI, 2018; WANDERLEY et al., 2021; CARRIERI, 2023; MARTINS; CORREIA, 2023; MARTINS et al., 2023).

As contribuições de Bosi (2015) e Garcia (2023), ao explicitarem as especificidades construtivas e reconstrutivas das memórias, nos auxiliam a distanciar-nos da objetividade, que

tende a reduzi-las a depósitos de fatos. Portanto, tratamos as memórias como fontes inesgotáveis de possibilidades e ressaltamos as inúmeras maneiras de recontar histórias de sujeitos silenciados, desconsiderados, marginalizados, entre outros, pelos estudos da grande história.

COLEÇÃO, COLECCIONAR E O COLECCIONISMO DE OBJETOS

A prática de coleccionar objetos ocorre em diversos momentos da história humana, mesmo carregando significados e funções distintas. Segundo Guimarães (2012), entre os povos antigos, existia a prática de guardar objetos próximos às sepulturas, podendo ser conchas, sementes, armas, joias e outros pequenos utensílios. Além disso, outra prática da Antiguidade consistia em exibir aos súditos os objetos que eram capturados dos inimigos vencidos em batalha. Entretanto, ao longo do tempo, o relacionamento com os objetos mudou socialmente, fato que influenciou diferentes maneiras de constituir as coleções, que podem representar interesses, identidades, poder e/ou conhecimento (OLIVEIRA, 2017).

Na Idade Média, as coleções eram prestigiadas com os tesouros da igreja, rivalizando com os objetos externos a elas. Os primeiros eram objetos devocionais, litúrgicos, diferenciados a partir da igreja a que pertenciam (POMIAN, 1984; OLIVEIRA, 2017). Nesse período, as coleções eclesiásticas eram acumuladas tanto quanto os tesouros dos príncipes, compostos por objetos sagrados, relíquias, obras de arte, entre outros dotados de distinção.

Contudo, a prática de coleccionar, tal como conhecemos hoje, teve seu início na Europa Ocidental, na segunda metade do século XV, quando houve o rompimento de certos padrões vigentes. Pomian (1984) descreve que o clero e a nobreza, que detinham o poder, monopolizavam o acesso dos servos aos objetos de contemplação como forma de demarcar sua posição dominante na hierarquia social. Entretanto, a passagem do feudalismo para o capitalismo fez emergir novos grupos sociais, como os humanistas, os antiquários, os artistas e os cientistas. Nesse novo modelo de sociedade, as coleções operam como uma maneira de trazer objetos de valor (antiguidades, manuscritos, instrumentos científicos etc.) que permitem aos membros desses grupos o reforço e a valorização de suas características, demarcando o local que ocupam na hierarquia social, bem como suas práticas de pertencimento (POMIAN, 1984).

No século XVI, os objetos colecionáveis oriundos das grandes navegações chegaram à Europa. Para além de novas mercadorias e novos saberes, os novos objetos eram valorizados pelos colecionadores não pelo valor material, mas pelo seu significado, por representarem o invisível: “países exóticos, sociedades diferentes, outros climas [...]. Mais do que objetos de estudo, são curiosidades” (POMIAN, 1984, p. 77).

Durante o período Iluminista, a partir dos séculos XVII e XVIII, as relações entre coleções e o conhecimento aproximaram-se (SANTOS, 2015). Neste período, estabeleceram-se os modos científicos voltados para a estruturação do conhecimento do mundo, e conseqüentemente, ampliou-se a preocupação com a conservação dos fatos históricos, que parte da reunião dos objetos como fragmentos do cotidiano com a finalidade de comprovar os eventos passados (DE CERTEAU, 2012, 2013; SANTOS, 2015). Ademais, emergiram critérios racionais para a organização dos objetos, que posteriormente, se transformaram em museus públicos e instituições privadas de resguardo das coleções (OLIVEIRA, 2017).

Neste período, para a burguesia que estava em ascensão, não possuir um acervo particular poderia ser lido pela sociedade como uma ausência de generosidade e de erudição (ALMEIDA, 2012). Entretanto, a popularização de tal prática se dá a partir do século XX, quando o colecionismo se tornou um fenômeno de massa, influenciado pela expansão da cultura e pela produção em série de objetos (BELK, 1995). Para Oliveira (2017), foi neste momento que as coleções privadas, acompanhadas da diversidade de olhares inerentes ao fenômeno, sofreram um boom.

O termo colecionismo, segundo Espírito-Santo (2011), é composto pelo verbo “coleccionar” acrescido do sufixo nominal “ismo”, o qual evidencia a continuidade da ação verbal. Em outras palavras, o termo colecionismo não pode ser compreendido de modo estático ou como finalizado, pois, na própria concepção da palavra há uma evidência de movimento. Portanto, cabe destacar a compreensão do ato de coleccionar, que deve ser apreendido para além da aparente acumulação ou arranjo dos objetos, mas nas possibilidades contínuas de reunião de coisas projetadas por critérios de semelhança ou de significantes (ESPÍRITO-SANTO, 2011; WEITZEL, 2021).

Bloom (2003), ao situar o fenômeno em nosso tempo histórico, sinalizou os impactos da produção em massa no colecionismo, ao discorrer sobre a finitude dos objetos, mesmo quando compreendendo sua pluralidade. Pedrão e Bizello (2016) complementam essa análise,

considerando a prática de colecionar como uma atividade sempre em aberto, já que, em nosso contexto atual, há a possibilidade de constantes renovações nas coleções. Deste modo, a coleção de objetos oriundos do movimento de produção em massa é “a face mais vista do ato de colecionar atualmente. As cerâmicas, álbuns de fotos e figuras, passagens de ônibus, trens e espetáculos são todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente e pequenas afirmações de individualidade, saudade e esperança” (PEDRÃO; BIZELLO, 2016, p. 835).

Ao nos debruçarmos sobre o colecionismo sob a ótica da gestão, devemos extrapolar as contribuições de Belk (1988), que enquadra os colecionadores em dois tipos “puros” e caracterizar o colecionismo como resultado da percepção de reunir objetos sem um objetivo anterior; Belk (1995) ao afirmar que o colecionismo é uma maneira diferenciada de consumir; Baker e Gentry (1996), que identificam o destaque pessoal e a busca pela identidade no comportamento de consumo do colecionador; Long e Schiffman (1997) que almejam transformar produtos em produtos colecionáveis pela via do marketing; Fleck e Rossi (2009), que atribuem o comportamento de compra do colecionador à nostalgia; Vieira e Cavedon (2013), que tratam o colecionismo como ato de consumo orientado a satisfação psicológica e simbólica do sujeito; e de Silva e Nunes (2020), que resumem a dimensão estética do colecionismo ao colocá-lo como um consumo comprometido com o sentir. Distintamente destes, acreditamos que a compreensão do fenômeno colecionista na Administração deve ultrapassar análises que envolvem o comportamento dos consumidores ou a análise dos objetos como produtos.

Baseamo-nos em Corrêa e França (2014) quando as autoras afirmam que, a partir de De Certeau (2015), é possível pensar que o colecionador realiza uma ação “desviacionista” no contexto de uma sociedade consumista e de descarte. Realizar, inventar, fazer e praticar outras formas de usar os objetos caracteriza os colecionadores como *bricoleurs*, assumindo um papel ativo na fabricação de diferentes usos e significados dos objetos. Para o colecionador, há uma reapropriação do sistema de significações por meio das ações que ocorrem no cotidiano.

Por fim, Espírito-Santo (2011, p. 30) considera o colecionar como ato de “coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas de cunho memorialista, com traços fetichistas, com propriedades históricas e artísticas, num determinado espaço e tempo”. Portanto, a compreensão do colecionismo perpassa atos relacionais de determinados sujeitos e

certos objetos, indo além da mera aparência dos objetos. O fenômeno deve ser analisado como uma atividade humana, uma interação entre os sujeitos com o mundo que é capaz de significar as coleções (DOHMANN, 2017) e estabelecer vínculos entre indivíduos e sociedade (ANDRADE, 2018)

METODOLOGIA

Nos apoiamos em Minayo (2009) quando a autora considera que a metodologia se refere aos pontos de referência que incluem práticas que abordam a realidade. Essas práticas, como complementam Alvesson e Skölberg (2017), envolvem uma série de reflexões que necessitam de procedimentos criativos, pois a partir de um circuito de pensamento, os pesquisadores alcançam diferentes técnicas e métodos de pesquisa.

Partimos, para tanto, das convergências entre as metodologias histórica e qualitativa, trabalhadas por autores como Rowlinson (2004), Fontoura et al. (2013), Yates (2014), Booth e Rowlinson (2015) e Üsdiken e Kipping (2022) para que pudéssemos responder à seguinte pergunta de pesquisa: como colecionadores de diversos objetos iniciaram suas atividades colecionistas em Minas Gerais? A interseção entre essas metodologias permitiu destacarmos não somente as formas de ser e interagir com o mundo, mas as diversas maneiras de gerir e organizar presentes no fenômeno estudado. Além disso, essas convergências nos auxiliam na aproximação com os aspectos multifacetados do fenômeno, afastando-nos de universalismos, generalizações e reproduções dos fatos.

Para composição do *corpus* de nosso trabalho, adotamos a técnica "bola de neve" (AUDEMARD, 2020), em que um participante indica o próximo para participar da pesquisa, considerando características aproximadas da investigação. O trabalho prosseguiu por meio de colecionadores residentes em sete cidades mineiras, dentre elas Belo Horizonte, Contagem, Nova Lima, Lagoa Santa, Conceição do Mato Dentro, Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras. Ademais, diversas foram as cidades mineiras citadas nas memórias dos participantes, como Araxá, Caratinga, Divinópolis, Diamantina, Itaúna, Serro e a região do Vale do Jequitinhonha etc., o que nos permite afirmar que as memórias dos colecionadores participantes não dizem respeito somente ao local em que atualmente estão instalados, mas também a uma vivência histórica de cidades representativas do estado de Minas Gerais.

No campo de pesquisa, estivemos diante de uma diversidade de objetos e de tipos de colecionadores. Abarcamos 28 diferentes objetos, como, por exemplo, coleções de carros, obras de arte, numismática (moedas), filatelia (selos), antiguidades, relógios, ferramentas, cutelaria, cachaaas, discos de vinil, minerais, camisas de futebol e *sneakers*. Realizamos 29 entrevistas semiestruturadas, todas em caráter presencial. Destas, cinco foram realizadas com mulheres e 24, com homens. Os participantes possuem idades entre 22 e 80 anos, e suas coleções têm desde 30 até mais de 100 mil itens, com valores que variam de 40 mil até inestimáveis milhões de reais. Os dados foram triangulados com nossas anotações em caderno de campo e com nossa observação não-participante, tendo em vista que eles permitem ampliar os olhares críticos para os fenômenos, de acordo com Tarrow (2019) e Üsdiken e Kipping (2022).

Todos os nomes apresentados são fictícios para não permitir a identificação dos participantes e seus respectivos grupos. Existem colecionadores de mais de um objeto, mas optamos por apresentar os participantes, sinalizando a coleção que mais representa sua trajetória como colecionador. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas com o auxílio do site "Transkriptor", conferidas na íntegra, sinalizando as devidas questões linguísticas, entonações e pausas nas falas. Após a conferência integral do conteúdo e correção de eventuais erros na transcrição, o material foi liberado para retorno e aprovação dos participantes da pesquisa.

Para que pudéssemos reconstruir o passado da temática dos objetos colecionáveis e alcançássemos o objetivo proposto no trabalho, analisamos os dados produzidos por meio da técnica de Análise de Narrativas. A técnica foi escolhida a partir de Ferreira (2011), Clandinin e Connelly (2015), Fernandes (2019) e Silva et al. (2021), tendo em vista que as narrativas contribuem para o destaque da troca de experiências em suas múltiplas formas, possibilitando conectar os narradores com o tempo em que os acontecimentos são narrados.

A conexão de narradores com o tempo ocorre ao considerarmos o espaço tridimensional da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015), em que são trabalhados os elementos como a interação (pessoal e/ou social), a situação (lugar) e a continuidade (presente, passado e futuro). Neste artigo, enfatizamos o último elemento por compreendermos que as memórias devem ser analisadas por meio do que chamamos de tríade narrativa, ou seja, em um continuum entre passado-presente-futuro mas que não deixa de abarcar os outros dois elementos. Tal consideração encontra suporte em autores como Nunes et al. (2017), Koll e

Jensen (2020), Bongers (2020), Blattner (2020), Lyra et al. (2019), Cintra et al. (2020) e Carvalho et al. (2021), possibilitando assumirmos que as narrativas históricas se articulam em um mesmo fenômeno, e, por isso, devem ser analisadas em conjunto.

Por fim, a técnica da Análise de Narrativas nos possibilitou o questionamento tanto da intenção quanto da linguagem, delineando os aspectos históricos narrados a partir de seis pressupostos orientadores (PENTLAND; 1999; REUTER, 2007; SANTOS et al., 2019): 1) o tema de investigação proposto; 2) o tempo narrativo; 3) a linguagem verbal e não verbal; 4) os personagens; 5) as vozes narrativas; e 6) pontos de referência para a ação. Com estes aspectos delimitados, os procedimentos seguintes permitiram a análise e discussão dos vários começos do colecionismo dos participantes, apresentados no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: OS VÁRIOS COMEÇOS DO COLECIONISMO

A fim de responder ao objetivo geral deste trabalho, exploramos a diversidade dos começos do colecionismo a partir das memórias dos participantes da pesquisa, perpassando questões de família, infância e outros acontecimentos motivadores nas vidas dos participantes, em um passado que se mantém vivo no tempo presente, com vistas a um futuro (BOSI, 2015; BOM MEIHY; SEAWRIGHT, 2020). Os relatos a seguir estabelecem conexões com as diversas coleções da infância.

O colecionador em geral, ele é um cara que sempre coleciona várias coisas. **Nunca começa com uma coisa e vai naquilo ali para sempre. Eu comecei desde moleque,** colecionando minicraque, bolinha de gude (Thomas, Tênis).

Colecionar é um tópico na minha vida que eu desenvolvo desde criancinha. Eu comecei com o interesse em colecionar lápis, tampinhas, miniaturas, chaveiros, selos (Francisco, Minerais).

A história do meu colecionismo, ele começa criança, colecionando borboletas, animais, ovos de passarinhos, maço de cigarro. **De arte nada,** porque eu sou do Vale do Jequitinhonha, uma região das mais pobres do Brasil. E eu acho que os ovos e as borboletas são arte. A arte está na natureza, tudo já tá feito, a natureza fez tudo (Cândido, Obras de Arte).

Eu observo os objetos desde criança. Eu nasci com esse traço de observar o objeto do cotidiano, não sei por que também (Reginaldo, Objetos do Cotidiano).

Os trechos acima possuem o mesmo tema narrativo e evidenciam que colecionar pode ser uma prática desenvolvida desde a infância, destacada pelo uso do tempo narrativo do passado com influência do tempo narrativo do presente. Reginaldo enfatiza a capacidade de

olhar os objetos do cotidiano, mesmo sem saber o porquê disso. Este traço também é implícito nas narrativas de Thomas, Francisco e Cândido, pois cada um deles projeta seu olhar para os objetos ao seu redor e enxerga neles possibilidades. Segundo Almeida (2012), os colecionadores não só reúnem os objetos a serem colecionados, como inventam suas coleções. Ou seja, são aqueles que criam algo a partir dos objetos reunidos com uma intenção colecionista (CORDOVA, 2017), praticando o que De Certeau (2012) desenvolveu e Corrêa e França (2014) complementaram como *bricoleurs*.

Entretanto, a rememoração de Reginaldo abre espaço para que investiguemos o colecionismo sem o reduzir como algo natural, pronto e acabado, mas que ocorre a partir de influências do meio social que interferem nas formas de ser e estar dos sujeitos no mundo, por ser um fenômeno social aberto (CORDOVA, 2017; DOHMANN, 2017). Os trechos narrativos destacam a prática como algo inerente ao colecionismo, distanciando-se de qualquer visão ou categorização universal como a de Reginaldo. Nesse sentido, são a partir das práticas colecionistas, produtoras de significados, que se elaboram modos de interagir com as histórias, com as memórias e com o tempo (COSTA, 2012) e, por isso, elas nos permitem criar caminhos no estudo do colecionismo e ousar pensar o fenômeno nos estudos sobre a gestão.

Eu comecei assim, interessar por isso de criança, **por influência do meu pai e do meu avô**. Eles colecionavam de tudo. Lápis de coleção, caixinha de fósforo de propaganda, moedas. E eu também ajudava meu pai a juntar selos quando a gente recebia uma carta, a gente cortava e guardava o selo (...) e **as coisas que meu pai guardou do pai dele acabaram ficando comigo** (Arnaldo, Antiquidades).

Eu tenho a referência do meu pai (Arnaldo), que sempre colecionou coisas. Eu acho que foi um motivador, porque é uma coisa normal no meu núcleo familiar. De guardar as coisas e de **dar um valor imaterial para as coisas** e ter esse prazer de juntar e tudo (Givanildo, Camisas de Futebol).

Lá em casa era isso mesmo, **papai colecionava garrafa de cachaça. Não bebia, mas colecionava os rótulos das garrafas, canecos**, e eu colecionava chaveirinho quando eu era criança. Eu acho que é de família, **meu pai influenciou a gente muito em muita coisa, e essa coisa da coleção é dele** (Bruna, *Souvenirs*).

Meu pai é geólogo, mas ele não atuava como geólogo. Um dia fuçando, **na minha infância, eu achei guardada a coleção de minerais do meu pai**. E falei para ele "o que é isso?", e ele falou "são pedras", tipo assim, pra uma criança entender, e aí eu vi minerais que são flexíveis, minerais todos geométricos, e **comecei a me encantar** (Josias, Minerais).

Eu sou piloto de avião e eu coleciono desde novinho. Meus pais também trabalham com avião. Aí eu comecei a voar muito novo, e a **minha mãe guardou, junto com minhas coisas de bebê, a passagem e o safety card do primeiro voo que eu fiz na vida**. Aí um dia eu mexi nisso e falei "uai, vou saber onde é que tem isso", porque tinha foto do

avião na capa. Falei "vou guardar isso". Passei a juntar e vi que existe colecionadores de *safety cards* no mundo todo (Guilherme, *Safety Cards*).

Nas lembranças acima, destacamos o tema da família como motivadora para o início das coleções dos participantes, evidenciando a predominância do uso narrativo dos personagens "pai" e "avô" e um único uso da personagem "mãe". Em consonância com Bloom (2003), é possível perceber a influência da produção em massa no hábito colecionista, com exceção de Josias, que coleciona minerais. As demais coleções perpassam objetos produzidos por humanos em grande escala. Ademais, para fazer parte de uma coleção, tais objetos são escolhidos, classificados e possuídos (ALMEIDA, 2012), sendo que não basta somente sua existência e consumo.

A família de Guilherme o influenciou a guardar seu primeiro *safety card*. Os personagens "pais" são explícitos nas memórias por terem socializado o participante na dinâmica da aviação. Em sua memória, a personagem "mãe" é enfatizada como aquela que guardou "o *safety card* do primeiro voo", e só após ele ter contato com suas "coisas de bebê", ele se interessou por "juntar" o objeto, sendo este um ponto de referência para sua ação. A narrativa implícita do participante é que foi após o conhecimento da existência de colecionadores mundiais de *safety cards* que ele se tornou um colecionador, justamente por adquirir conhecimento sobre a forma com que os objetos eram entendidos na coletividade. Corroborando as contribuições de Andrade (2018), que compreende as relações entre sujeitos e objetos como possíveis de estabelecer vínculos entre indivíduos e sociedade.

A seguir, o participante Dionísio relata sua mãe como uma colecionadora ativa, ao explicitar que a via colecionar em conjunto com seu avô. No mesmo tema narrativo, Renata lembra o início de suas coleções por questões distintas. Ambos inserem seus filhos como motivadores das práticas colecionistas atuais.

Eu tive duas fases. Uma da minha infância mesmo, que eu fui até pré-adolescente. Eu **via minha mãe e meu avô colecionando**, e eu colecionava também. Eu colecionava muito e depois eu parei completamente. **Depois que meu filho nasceu, ele começou a querer "ah, pai, me dá um *Hot Wheels*", aí eu fui lá "pô, bonitinho, eu vou ficar com um pra mim e uma pra ele"**. Aí acabou. Hoje ele tem 21 anos, ele não coleciona, mas eu continuo (Dionísio, Miniaturas).

Eu gostava muito dessas coisas mais antigas. **Que nem pai, ele trabalhava com tropas e tudo, então sempre teve coisas antigas. Eu via ele colecionando e me interessei.** Mas aí só depois que eu comecei a mexer com a pousada, **que eu mais meu filho fizemos as coleções pra decorar aqui** (Renata, Antiguidades).

Dionísio recorda o nascimento do personagem “filho” como motivador para que uma nova coleção se iniciasse: a de miniaturas da marca “Hot Wheels”. Os pedidos dos carrinhos pelo filho e a justificativa estética explícita no uso do adjetivo “bonitinho” fizeram com que uma nova coleção se iniciasse. Entretanto, nas palavras de Dionísio, o filho não adquiriu hábitos colecionistas, corroborando, mais uma vez, a não universalização do fenômeno e das experiências, assim como a atividade de colecionar demanda a extrapolação da aparência e do contato do sujeito com o mundo capaz de significar as coleções (CORDOVA, 2017; DOHMANN, 2017; ANDRADE, 2018).

Renata, colecionadora de antiguidades, já possuía o interesse pelas “coisas mais antigas”, explicitando no tempo narrativo do passado o personagem “pai” para confirmar a socialização com o ato. A narrativa da participante, que apresenta uma voz narrativa próxima dos eventos, percorre o tempo passado de modo cronológico para inserir seu personagem “filho” na narrativa e como ponto de referência para a ação, afirmando que foi com ele que as coleções de fato se concretizaram, como explícito no excerto “eu mais meu filho fizemos as coleções pra decorar aqui”. Cabe destacar que o advérbio “aqui” foi utilizado pelo fato de que estávamos no local em que a entrevista foi realizada: um empreendimento de hospedagem, do qual é proprietária e que abriga a exposição das coleções.

Na realidade, eu não queria adquirir peças, não. **A minha ideia era comprar o carro do meu pai (...).** Eu não consegui achar **o carro do meu pai.** Aí quando eu acabei comprando esse aqui, que é igualzinho. Aí começaram a surgir outros carros e as peças que ficam em volta deles para comprar (Lucca, Antiguidades).

Esse Impala mesmo que eu tenho, meu pai comprou em 1976, e eu cuido do carro até hoje. Tem vários momentos de família. Andava eu, meu pai e meus sete irmãos. Nove pessoas dentro do carro. Então meu pai teve esses carros, aí foi conservando, e a coisa virou coleção, virou antigomobilismo. Baseado na convivência com **meu pai,** eu fui adquirindo outros carros, e ele me ajudando financeiramente e incentivando. Um dia, **eu com quinze anos de idade, meu pai perguntou “filho, quer esse carro pra você?” Eu falei “quero”.** E ele disse “então me ajuda a conservar para sempre” (João, Carros).

Meu pai tinha um Gol Star de 1989 a 1999, ele era muito cuidadoso com o carro. **Então é a paixão pelo carro, pelo meu pai, pelo cuidado que meu pai tinha com o carro.** E tem aquilo **da família, de estar viajando. Lá em casa nós** somos quatro filhos, então viajava os quatro filhos no banco de trás (José, Carros).

Como destacado nas narrativas de Lucca, João e José, a temática em torno do carro do personagem “pai” é desenvolvida nas três recordações. Lucca, ao não encontrar o mesmo carro que pertenceu ao seu pai, comprou um modelo semelhante. Após isso, começou a adquirir objetos que se relacionavam temporalmente com os carros que adquiriu e com sua juventude,

tornando-se também um colecionador de antiguidades. No caso de João, a coleção começou ao ser presenteado com o carro de seu pai aos quinze anos e preservá-lo junto com outros carros que foram sendo adquiridos, quando o autor apresenta a voz narrativa de seu pai no excerto “filho, quer esse carro para você?”. O participante José relata os sentimentos do pai que o motivaram a começar a colecionar: “a paixão pelo carro, pelo pai, pelo cuidado que meu pai tinha com o carro”. Nesse sentido, as coleções abrem espaço para uma contínua reunião de objetos que respeitam os critérios de semelhança e de significantes (ESPÍRITO-SANTO, 2011; DOHMANN, 2017; WEITZEL, 2021). Os inícios do colecionismo também perpassam outras instâncias para além das lembranças de infância e de família, como outras questões diversas e representativas para nosso trabalho.

Eu acho que é mais **um resgate daquilo que eu tinha vontade de ter na minha infância e que eu não tinha**. Minha esposa até brinca comigo, quando eu compro carrinho, ela fala assim “**você não teve carinho assim na sua infância não? Por isso você tá comprando agora?**” E eu acho que **tem uma parte disso também, de ter essa memória do que você não teve na infância** (Ronaldo, Miniaturas).

Ronaldo expressa em sua narrativa a “vontade de ter” e a impossibilidade de adquirir objetos colecionáveis em sua infância. Nesse sentido, os modos de agir e interagir com as próprias memórias, o tempo e as histórias apresentadas por Costa (2012) são respaldados nas recordações do participante. Tal afirmativa se apoia no fato de que um *bricoleur* (DE CERTEAU, 2012) não pratica suas ações no tempo presente somente a partir de um acontecimento do passado, mas também pela ausência de determinada materialidade que permanece na memória e se apresenta como ponto de referência para ação no presente e no futuro. Para Ronaldo, a ausência de condições materiais na sua infância, que o impedia de ter acesso aos objetos, pode ser justificada pela maneira como afirma que a coleção pode ser também “um resgate daquilo que eu tinha vontade de ter na minha infância e que eu não tinha (...) de ter essa memória do que você não teve na infância”. Ademais, o verbo “tinha”, conjugado na 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, sinaliza uma vontade que pertencia ao passado, mas que, mesmo indicando um tempo passado, se manifesta no tempo presente, que o faz adquirir carrinhos e ser ironizado por sua esposa. Nesse sentido, retomamos as contribuições tanto de Dohmann (2017) quanto de Andrade e Almeida (2018), que inferem na materialização das memórias a partir dos esforços sensoriais. A memória se torna posse, algo que se pode ter, comprar e colecionar, acionando tanto aquilo que se vivenciou, como nos casos de Thomas, Francisco, Cândido e Reginaldo, mas também aquilo que não foi possível vivenciar.

Eu comecei logo por volta dos quinze, dezesseis anos. **Eu comecei a trabalhar muito cedo e nas horas de folga, frequentava uma loja de discos que tinha lá em Belo Horizonte, na Galeria Praça Sete. Em casa também, meu pai tinha um hábito de ter vinil. Então, naturalmente, eu tive algum interesse** em começar a comprar disco (Bernardo, Discos de Vinil).

Aqui em Belo Horizonte eu me lembro, quando eu tinha lá por volta de sete, oito anos de idade, que todo final de ano a gente ia nas lojas só para poder pedir calendário. As lojas faziam calendários pequenos de bolso. Eu colecionava aquilo, e a gente fazia a troca como se fosse figurinha de álbum (Vinicius, *Safety Cards*).

Ah, isso **começou a 43 anos atrás.** Eu **estava indo para o Parque Municipal (de Belo Horizonte)** aqui junto com o meu pai e passei na rua Tamoios. **Tinha cinco banquinhas de moedas lá na rua, eu me interessei dali.** Depois de uns dois, três dias, **passei na rua, já comecei a interessar, pesquisar, comprar e dali que começou, despertou ali. Hoje, gente hoje faz um trabalho em todas as sociedades numismáticas do Brasil.** Eu sou, eu sou sócio remido de quase todas elas (Alexandre, Numismática).

Destacamos nas memórias acima o interesse pelo colecionismo surgindo em meio às experiências vividas na cidade de Belo Horizonte (MG) durante a juventude. Bernardo rememora a partir dos aspectos familiares, juntamente com a vivência na cidade. O tema de investigação proposto converge com as contribuições de Andrade e Almeida (2018), de que as histórias e memórias possuem uma relação particular com o tempo, de modo que as lembranças podem trazer para o tempo presente acontecimentos de um determinado lugar, sendo, neste caso, a capital de Minas Gerais.

Há um apego à figura paterna como uma pessoa que influenciou o olhar de Bernardo para os vinis, sendo este processo tratado como “natural” para o participante, mas que é fruto de uma socialização familiar com a atividade colecionista. Nesse sentido, ao narrar o passado, são escolhidas memórias que justificam o comparecimento à loja da Galeria Praça Sete, como o trabalho e as folgas, que possibilitaram as idas ao estabelecimento e a compra dos primeiros discos.

Vinicius, por sua vez, recorda sua vivência na cidade de Belo Horizonte, rememorando os calendários que eram distribuídos pelas lojas da cidade e que se tornaram objetos colecionáveis. Por fim, Alexandre opta por relembrar o início de sua prática de colecionar pela vivência na capital mineira e por ver “cinco banquinhas de moedas lá na rua”. Apesar de estar explícito na memória do participante, o personagem “pai” ou outros membros da família são silenciados neste início. Portanto, não conseguimos identificar se, com dezessete anos, o participante adquire seus objetos colecionáveis pelo fruto de seu trabalho ou se houve um suporte familiar.

Em seguida, Alexandre evidencia a conexão com o tempo presente, quando se destaca como um dos maiores membros das sociedades numismáticas do Brasil, sendo “sócio remido de quase todas elas”. Ademais, os trechos convergem para as contribuições de Bosi (2015) e Neves (2010), quando as autoras, ao teorizarem sobre o tempo, apresentam que a transitoriedade conexas à vida humana reverbera na necessidade de compreendê-la em sua complexidade, uma vez que, para além da suposta linearidade positivista de análise dos fatos sociais, é preciso considerar suas rupturas, continuidades, sensações e afetamentos.

Portanto, a ruptura na narrativa de Alexandre, ao pensar no início de sua coleção e já estabelecer uma conexão com o tempo presente, precisa ser analisada em sua complexidade. Olhar para o passado por meio das memórias envolve também a interpretação dos processos que a elas pertencem; por isso, é necessário distanciamento de tentativas de modificação do que se passou para que se alcance a possibilidade de reinterpretação. Desse modo, o tempo tomado como plural e que se movimenta, requalifica o passado almejando um futuro que pode até ser semelhante, mas que nunca será igual ao que se findou (BOSI, 2015). Nesse sentido, olhar para o passado, conectando com o presente, permite o vislumbre do futuro, mesmo que se silencie ou se relativize todo um percurso entre um tempo e outro.

À vista do que foi exposto, as dinamicidades das memórias devem ser discutidas em conjunto com referências sobre o tempo, uma vez que elas constituem um processo equivalente de fuga da inércia (NEVES, 2010). O tempo é trabalhado pelas memórias a partir da cultura e da vivência dos indivíduos (BOSI, 2015), e só pode ser recuperado pela via da linguagem, sendo impossível a retomada de um tempo físico. Ademais, mesmo que o tempo seja uma grandeza abstrata, ele está atrelado e se refere a vivências e experiências concretas da vida (NEVES, 2010; BOSI, 2015; BOM MEIHY; SEAWRIGHT, 2020).

Eu conheci minha mulher em 1966, e foi ela quem me aplicou na arte. A gente, antes de casar, começou a comprar objeto de antiguidade, ganhava coisas da família, ela começou com esse olhar (...). **Nós casamos em 1971, e eu ganhei de presente uma obra de arte. A partir daí que nasceu a chama, o talento.** Talento é a mesma coisa que fortuna, você sabe disso. A origem da palavra talento e fortuna é a mesma coisa. Fortuna é que você nasce com ela. Então **despertou de novo essa fortuna, e eu não parei de comprar arte até hoje** (Cândido, Obras de Arte).

O participante Cândido deixa explícito em suas memórias o momento que iniciou sua coleção de obras de arte e considera sua esposa uma influenciadora, quando afirma que foi ela quem o “aplicou na arte”, por já ter um “olhar” para as antiguidades. Entretanto, foi após um presente de casamento de um amigo que nasceu “a chama, o talento”. Contudo, ao comparar

talento com fortuna, ele evidencia que houve novamente um despertar. A locução adverbial que passa a ideia de repetição “de novo” estabelece conexão com o passado, com a sua infância e sua coleção de objetos da natureza. Ademais, há a conexão do passado com o tempo presente, pois o participante não parou de adquirir novos objetos colecionáveis. Entretanto, destacamos o silenciamento na narrativa do participante sobre as questões econômicas que envolvem a coleção de obras de arte, que, em muitos casos, são caracterizadas como investimentos. Por mais que possamos considerar que tal aspecto pode ser mantido em um segundo plano, acreditamos na impossibilidade destas questões serem desconsideradas, sobretudo na coleção do participante, que conta com obras de importantes artistas como Lasar Segall, Cícero Dias, Cândido Portinari, Anita Malfatti, Ismael Nery, José Pancetti, Vicente do Rego Monteiro, Mário Zanini, Genesco Murta e Jeanne Milde, Athos Bulcão, Burle Marx, Alfredo Ceschiatti, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Lygia Clark e diversos outros e, por isso, possui uma estimativa de milhões de reais.

Nesse sentido, embora a narrativa se inicie no passado, ela se conecta com o presente, tornando-se um ponto de referência para as ações atuais e futuras, tendo em vista que o participante permanece ativo nas aquisições de itens para seu acervo e pretende continuar realizando-as, segundo nossas anotações do caderno de campo. Segundo Meneses (1992), Guarinello (2004) e Bom Meihy e Seawright (2020), as memórias não devem ser caracterizadas como estáticas, que retêm e registram fatos históricos estabelecidos e devem ser tratadas como passíveis de reinterpretação, principalmente por se tratar de lembranças de fatos da vida.

Nesse sentido, ao olhar para além da mecanicidade, Meneses (1992) e Guarinello (2004) consideram que as memórias, no presente, devem ir além do resgate dos fatos ocorridos no passado, reconstruindo este passado com os olhos e as conveniências do tempo presente. No trabalho com as memórias, o passado é questionado, complementado, refeito e repensado, sendo alterado constantemente, pois o que recordamos hoje é diferente do que recordamos ontem, que não será o mesmo amanhã e, possivelmente, não conta tudo o que de fato aconteceu. As memórias são, portanto, sujeitas às dinâmicas sociais do tempo em que são acionadas (NEVES, 2010; BOSI, 2015).

Por fim, acreditamos que esta discussão possibilitou avanços sobre como esses colecionadores iniciaram sua prática e se interessaram pelo colecionismo e, além disso, sobre as possibilidades de refletir sobre o colecionismo. Por esse motivo, nos dedicamos para que a

pluralidade de ações fosse delineada, ressaltando que o que se entende como coleção, colecionador e colecionismo está envolto por diversas influências individuais e coletivas, sendo estas alcançadas ou não por nosso trabalho.

Os sujeitos que colecionam são fundamentais para compreendermos o universo das coleções (ALMEIDA, 2012). Nesse sentido, Costa (2012) e Dohmann (2017) complementam que os sujeitos envolvidos no colecionismo estão em constantes negociações na dimensão das memórias e de seus esquecimentos, englobando, entre outras questões, o resguardo dos objetos das transformações temporais, dos elos entre as gerações familiares e o cultivo nostálgico do passado. Portanto, compreender o colecionismo sob a ótica dos sujeitos é refletir sobre sua posição enquanto agentes históricos e sobre sua temporalidade. Assim, o trabalho com as memórias envolve “os valores, as emoções, as memórias compartilhadas pelo indivíduo, em uma relação entre memória e projeção de futuro” (COSTA, 2012, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de um objetivo de pesquisa que visou analisar como colecionadores de diversos objetos iniciaram suas atividades colecionistas em Minas Gerais. Desenvolvemos uma pesquisa com as convergências entre as metodologias histórica e qualitativa para que, a partir de 29 entrevistas semiestruturadas com colecionadores de diversos objetos, anotações de caderno de campo e observação não-participante, pudéssemos analisar os vários começos das atividades colecionistas dos participantes da pesquisa.

Diante do contexto exposto, discutimos a existência de diversos parâmetros colecionistas. Por mais que existam rememorações que naturalizem o fenômeno, em nosso artigo ele decorre da socialização dos participantes, rememorada a partir das lembranças da infância; da influência familiar, sobretudo da figura masculina do pai; dos interesses a partir de acontecimentos na vida adulta que envolvem filhos e esposas; dos interesses desenvolvidos a partir de grupos de referência; e das recordações de momentos vividos em certos lugares e com determinados objetos.

Nossos avanços nos permitem relacionar os estudos memorialísticos e as coleções. Em ambos, não há possibilidade de reduzir o fenômeno ao simples acúmulo, seja como repositório de fatos, como em Guarinello (2004), Neves (2010), Bosi (2015) e Bom Meihy e Seawright (2020), seja como acúmulo de objetos, como em Dohmann (2017), Cordova (2017) e Andrade

(2018). Isso ocorre pelo fato de tratarem de processos inacabados da vida. As memórias nunca estão prontas, mas em constante mutação, assim como as coleções, que não se finalizam. Ou, como dito em conversas informais com um dos participantes: “Quando a gente começa uma coleção, não pensa em fim, pensa em começo” (Cândido, Obras de Arte). Começos estes que são, a partir das práticas colecionistas, inventados de formas criativas e a partir dos mais diversos objetos. As coleções podem começar com uma lembrança de algo passado, de um acontecimento presente, de algo almejado no futuro. Elas podem se iniciar por investimento, por hobby, por expressão, por identificação, para manutenção de vínculos familiares ou por influência da indústria cultural. Elas podem ainda ser acionadas a partir dos quatro sentidos.

No âmbito dos Estudos Organizacionais, nosso trabalho avança na temática da História e das memórias. Contribuímos com o campo ao propor o estudo de práticas que versam sobre o tempo. Consideramos não o tempo produtivista que, em uma sociedade capitalista, visa o lucro a qualquer custo, mas aquele considerado improdutivo aos olhos do capital e, por isso, um movimento contra o sistema dominante, tal como nos ensina De Certeau (2012). Para nós, trabalhar com os objetos colecionáveis é tratar de um fenômeno que atende aos interesses locais. Esse interesse, em âmbito organizacional, se conecta com o tempo da experiência, da contemplação e do sentimento. É o tempo do fazer, do ser, do viver e do praticar no cotidiano.

A partir do colecionismo, articulamos Bosi (2015) e Carrieri (2023) para considerar os fenômenos sociais organizacionais e as memórias a partir de visões alternativas. Esse movimento nos permite ressignificar até mesmo o que consideramos trabalho, já que, para nós, rememorar é trabalho: o trabalho das memórias. Estas são geridas a partir das experiências e das memórias individuais e coletivas. Refletir sobre as histórias dos inícios das coleções nos possibilitou considerar que as práticas de gestão são realizadas no tempo presente, mas que mobilizam de forma mutável o passado a partir dos interesses de hoje e postulam um futuro com base nesses mesmos critérios.

Embora a Administração *mainstream* pense no passado apenas de modo ferramental, apresentamos uma visão contemplativa e não produtivista dos fenômenos memorialísticos. Nosso artigo contribuiu para as reflexões de que o trabalho improdutivo de gestão das memórias colecionistas, pautado em uma tríade dialética histórica (VELLOSO, 2022), pode evidenciar práticas de contemplação em diversos contextos na Administração. Deste modo, sugerimos que pesquisas futuras se aprofundem nesses aspectos, tanto a partir do caso de

colecionadores de outros estados brasileiros quanto a partir de outros fenômenos sociais distintos do colecionismo. Por fim, nosso trabalho se limitou a estudar colecionadores, em sua maioria homens, no estado Minas Gerais e, por isso, sugerimos que trabalhos futuros desenvolvam os aspectos de gênero, tal como em Oliveira (2018), tendo em vista que foi notado por nós o silenciamento da condição feminina na prática colecionista e a importância do tema no âmbito da gestão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. A. Objetos que se oferecem ao olhar. Colecionadores e o "desejo de museu". In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores**: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.
- ANDRADE, E. P.; ALMEIDA, J. R. Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores. In: ALMEIDA, J. R.; MENESES, S. (Org.). **História Pública em Debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ANDRADE, R. Colecionando segredos: Os aruanãs e as práticas de colecionamento no médio Araguaia. **Sociedade e Cultura**, v. 21, n. 1, p. 49–71, 2018.
- AUDEMARD, J. Objectifying Contextual Effects. The Use of Snowball Sampling in Political Sociology. **Bulletin of Sociological Methodology** v. 145, n. 1, p. 30–60, 2020.
- BAKER, S.; GENTRY, J. Kids as collectors: a phenomenological study of first and fifth graders. **Advances in Consumer Research**, v. 23, p. 132–137, 1996.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151–161, 2015.
- BELK, R. W. Collecting as luxury consumption: Effects on individuals and households. **Journal of Economic Psychology**, v. 16, n. 3, p. 477–490, 1995.

BELK, R. W. Possessions and the "extended self". **Journal of Consumer Research**, v. 15, n. 2, p. 139–168, 1988.

BENJAMIN, W. "O narrador". Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, W. O colecionador. In: BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BLATTNER, W. Temporality, Aspect, and Narrative. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H (eds). **Time, Temporality, and History in Process Organization Studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

BLOOM, P. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOM MEIHY, J. C. S.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

BONGERS, D. E. N. Historical consciousness as a management tool. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H (eds). **Time, Temporality, and History in Process Organization Studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. **Management and Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 5–30, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CABANA, R. P.; ICHIKAWA, E. Y. Onde está o Outro nos Estudos Organizacionais e da Administração? **Revista Ciências Administrativas**, v. 28, p. e12144-1, 2022.

CARRIERI, A. P. Produção social do cotidiano: histórias e memórias da gestão na vida organizada nas/das sociedades. In: Luiz A. S. Saraiva; Alexandre Carrieri. **Estudos Organizacionais e Sociedade**. Porto Alegre: Fi, 2023.

CARRIERI, A. P.; CORREIA, G. F. A. Estudos Organizacionais no Brasil: construindo acesso ou replicando exclusão? **RAE-Revista de Administração de empresas**, v. 60, n. 4, p. 59-63, 2020.

CARVALHO, T. M.; SILVA, C. R.; BIANCHI, E. M. P. G. Análise Crítica da Pesquisa Narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1-10, 2021.

CINTRA, S. L. A. D.; CORREIA, L. B. S.; TENO, N. A. C. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 66451-66463, 2020.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EdUFU, 2015.

CLEGG, R.; SUDDABY, R.; HARVEY, C.; HARVEY, C.; MACLEAN, M. At the intersection of theory and history: a research agenda for historical organization studies. In: MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDABY, R.; CLEGG, R. **Historical organization studies**: theory and applications. London and New York: Taylor & Francis Group, 2020.

CORRÊA, M. R.; FRANÇA, C. A figura do bricoleur em práticas artísticas. **Visualidades**, v. 12, n. 2, p. 225-239, 2014.

CORREIA, G. F. A.; PALHARES, J. V. ROSA, K. L. Forjando artesanalmente uma abordagem reflexiva para as teorias da Administração. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 10, n. 29, p. 441-487, 2023.

COSTA, A. S.; WANDERLEY, S. Passado, presente e futuro da história (crítica) das organizações no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, p. 1-8, 2021.

COSTA, C. M. Alfredo Ferreira Lage: o colecionador mineiro e a nostalgia do passado. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

DOHMANN, M. V. Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos. **Diálogo com a Economia Criativa**, v. 2, n. 6, p. 41-53, 2017.

FERNANDES, A. H. Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 30, p. 7-19, 2019.

FERREIRA, M. S. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, p. 121-133, 2011.

FLECK, J. P. S.; ROSSI, C. A. V. O colecionador de vinil: um estudo vídeo-etnográfico. In: XXXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.

FONTOURA, Y.; ALFAIA, L.; FERNANDES, A. A pesquisa histórica em estudos Organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 11, n. 1, p. 83-103, 2013.

GARCIA, K. P. Desafios, avanços e especificidades: reflexões sobre a História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, v. 15, n. 38, p. 1–8, 2023.

GOUVÊA, J. B., CABANA, R. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 297-347, 2018.

GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 13–38, 2004.

GUIMARÃES, L. M. P. Coleccionismo e lugares de memória. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

HODGE, P. A.; COSTA, A. S. M. História oral e pesquisa organizacional: desafios da construção de conhecimento sobre o passado. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 99, p. 721–756, 2021.

KOLL, H.; JENSE, A. Appropriating the past in Organizational Change Management. In: REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H (eds). **Time, Temporality, and History in Process Organization Studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

LONG, M. M.; SCHIFFMAN, L. G. Swatch Fever: An Allegory for Understanding the Paradox of Collecting. **Psychology & Marketing**, v. 14, n. 5, p. 495–509, 1997.

LYRA, M. C.; RIBEIRO, A. K.; DECONTI, L. Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, p. 1–10, 2019.

MACLEAN, M.; HARVEY, C.; SUDDBAY, R.; CLEGG, R. **Historical organization studies: theory and applications**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2020.

MACLEAN, M.; SHAW, G.; HARVEY, C.; STRINGER, G. Methodological Openness in Business History Research: Looking Afresh at the British Interwar Management Movement. **Business History Review**, v. 96, n. 4, p. 805-832, 2022.

MARTINS, P. G.; CORRÊA, M.; CARRIERI, A. For a Minor Administration: The Case of the Bailinho da Tia Naná. **Organizações & Sociedade**, v. 30, n. 105, p. 329–359, 2023.

MARTINS, P. G.; CORREIA, G. F. A. Histórias, memórias e saberes populares: reflexões e aproximações com a gestão ordinária. In: SARAIVA, L. A.; CARRIERI, A. P. (Orgs.). **Estudos Organizacionais e Sociedade**. Porto Alegre: Fi., 2023.

MENESES, U. T. B. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9–23, 1992.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, R. G. F.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NEVES, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica: 2010.

NUNES, L. S.; PAULA, L.; BERTOLASSI, T.; FARIA NETO, A. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas, **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, p. 9-17, 2017.

OLIVEIRA, A. C. A. R. Coleccionismo a partir da perspectiva de gênero. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 7, n. 13, p. 15–30, 2018.

OLIVEIRA, C. Coleções e colecionadores: as práticas de colecionar, motivações e simbologias. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 12, p. 169–179, 2017.

PEDRÃO, G. B; BIZELLO, M. L. As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da história e da memória. VI Seminário em Ciência da informação. **Anais...** Londrina, 2016. p. 830–840.

PENTLAND, B. T. Building process theory from narrative: from description to explanation. **Academy of management review**, v. 24, n. 4, p. 711-714, 1999.

POMIAN, K. Coleção. In: BAUDRILLARD, J. **Enciclopédia Einaudi**: memória-história. Porto: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1984.

REINECKE, J.; SUDDABY, R.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. (2020). Time, Temporality, and History in Process Organization Studies. In: REINECKE, J., SUDDABY, R., LANGLEY, A. e TSOUKAS, H. **Time, Temporality, and History in Process Organization Studies**. New York: Oxford University Press, 2020.

REUTER, Y. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

ROWLINSON, M. Historical analysis of company documentation. In: CASSELL, C.; SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research**. London: SAGE, 2004.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Mórula, 2019.

SANTOS, A. S. **A influência do colecionismo na representação da memória social**: análise da coleção Amicis Tocantins. Orientadora: Maria Leandra Bizello. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Beatriz, 2015.

SANTOS, M. S.; FOURAUX, C. G.; OLIVEIRA, V. 2019. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, v. 5, 37-51, 2019.

SANTOS, V. T.; ICHIKAWA, E. Y. Representações sociais, história e memória: possíveis contribuições para os estudos organizacionais. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v. 12, n. 31, p. 2213-2231, 2018.

SILVA, C. R. M.; GONZALES, K. G.; NAKAMURA, M. E. Três olhares sobre a análise de narrativas na pesquisa em educação matemática. **Ensino em Revista**, v. 28, p. 1–24, 2021.

SILVA, H. H. C.; NUNES, M. R. F. A experiência estética no consumo de coleções: um estudo sobre colecionadores de estátuas e figuras de ação. **Signos do Consumo**, v. 12, n. 1, p. 94–111, 2020.

TARROW, S. Comparison, triangulation, and embedding research in history: a methodological self-analysis. **Bulletin of Sociological Methodology**, v. 141, n. 1, p. 7–29, 2019.

TENNENT, K. D.; GILLET, A. G.; FOSTER, W. M. Developing historical consciousness in management learners. **Management Learning**, v. 51, n. 1, p. 73-88, 2020.

TIGHT, M. Saturation: An Overworked and Misunderstood Concept? **Qualitative Inquiry**, 0(0), 2023.

ÜSDIKEN, B.; KIPPING, M. Objective: Finding History in Management Research. In: ÜSDIKEN, B.; KIPPING, M. **History in Management and Organization Studies: from margin to mainstream**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2022.

VELLOSO, R. **Urbano-Constelação**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022.

VIEIRA, L.; CAVEDON, N. Uma pesquisa que não está no gibi: um estudo com colecionadores de revistas em quadrinhos. **GESTÃO.Org**, v. 11, n. 1, p. 1– 33, 2013.

WANDERLEY, S.; ALCADIPANI, R.; BARROS, A. Recentering the Global South in the Making of Business School Histories: Dependency Ambiguity in Action. **Academy of Management Learning & Education**, v. 20, p. 361-381, 2021.

WANDERLEY, S.; BARROS, A. Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. **Management & Organizational History**, v. 13, p. 1-19, 2018.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **Transformação**, v. 24, n. 3, p. 179-190, 2021.

YATES, J. Understanding historical methods in organization studies. In: BUCHELI, M.; WADHWANI, D. R. (orgs). **Organizations in time: history, theory, methods**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

Submetido em 12/08/2023
Aprovado em 30/09/2024

i Os autores agradecem ao financiamento da pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMIG) por meio do Edital de Demanda Universal 01/2022, código APQ-00845-22.